

ANTONIO CARLOS BAROSSO



ANTONIO CARLOS **BAROSS**



ÍNDICE

- 07 APRESENTAÇÃO. Gal Oppido
- 09 POR UM VAZIO ATIVO. Guilherme Wisnik

- 19 RESIDÊNCIA NA PRAIA DURA
- 25 CONJUNTO VERGUEIRO
- 37 EDIFÍCIO HAVÁÍ
- 51 ATELIÊ ZÉ CASSIO
- 63 CÂMARA MUNICIPAL DE DIADEMA
- 71 E.E GALO BRANCO
- 83 RESIDÊNCIA NO BUTANTÃ
- 95 ESTÚDIO GAL
- 111 RESIDÊNCIA DONA LINA
- 125 E.E JARDIM MARAJOARA
- 135 TEATRO NO MORRO DO QUEROSENE

- 151 ENTREVISTA
- 165 CRONOLOGIA DE PROJETOS
- 173 ENGLISH VERSION

A vertigem do fazer

Conheci o Tata na tenra adolescência, já um apaixonado, compulsivo, e sabia que qual fosse o ofício que ele mirasse, este seria brindado com a devoção típica dos virtuosos. Sempre hábil na articulação entre o pensar e o fazer, percorria os trâmites entre esta dupla com singela concretude.

O desenho dos teatros do cotidiano, seus cenários, o convívio e o confronto com seus atores, a civilidade possível, tudo isso estabelece o lugar confortável para este cidadão iniciante nas tarefas do coletivo humano. Fraterno e molecular, sim, molecular, pois transita fluidamente entre a composição da matéria física e social, conduzindo os usuários de seus espaços a apreenderem os textos embutidos nos materiais construtores de seus projetos, já que sabemos que simplicidade e pertinência são frutos de sínteses complexas que, quando transparentes, possibilitam cumplicidade entre ética e estética.

Generoso com seus pares de prancheta, diplomático no sentido de perceber os extremos entre ponderações viciadas e o nítido radical, sempre coloca em suspeição

suas decisões sem perder as urgências que o projeto demanda. Quando cursávamos a FAU-USP, era comum seus convites para finais de semanas regados a visitas a obras em processo de construção, de arquitetos que admirava, pois para ele o canteiro sempre foi a arena onde arquiteto e cidadão desarmavam-se em estado de urbanidade.

Desde os espaços singelos de programas emocionais notáveis (Projeto da Casa da Sogra) até os de convivência pública, sempre procura aquilo que acho ser o principal desafio de um projeto: perimetrar minimalisticamente o ar que gerará o volume habitável definitivo.

A arquitetura loteia o ar compartimentando-o em vasos comunicantes de vida. O arquiteto procura “o ar da graça”, aquele que resiste ao esgotamento do dia

a dia, que faz com que a solidez das matérias que o desenham perca sua sisudez e revele a fugidia figura humana... Tata consegue.

Como usuário de um projeto seu há dez anos, posso afirmar que, sensorial e funcionalmente, ele me atende de maneira sempre reveladora, por conta de sua permitida mutabilidade, sempre conservando em seu corpo a assinatura de uma intenção.

Sei que Tata vê o mistério da transferência de conhecimento como extensão do projetar... vertiginoso como professor, inocula aberta e francamente os mesmos agentes do seu pensar.

Durante este texto/testemunho sempre me acompanhou a sombra do exagero que aqui se esfarela, pois tenho consciência que estou falando de um homem bom.

O corte

Quando me formei na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo (FAU-USP), em 1998, o professor Antonio Carlos Barossi – o Tata – foi, como de costume, o paraninfo da turma. E, como já havia feito em muitas aulas de Projeto do 1º e 4º ano, encerrou o seu discurso com a seguinte recomendação aos novos arquitetos: “nunca se esqueçam: comecem sempre pelo corte”. Tal recomendação, penso eu, além de sintetizar um traço definidor da espacialidade arquitetônica paulista (e até, em grande medida, brasileira) – a ênfase no partido estrutural como definidor da volumetria –, informa também muito sobre a poética projetual do próprio paraninfo, tema que nos concerne aqui. Porém, com sensíveis diferenças em relação à imagem canônica associada à chamada Escola Paulista. Parece-me que é justamente na senda de uma difícil filiação a essa tradição que a sua arquitetura se constrói, a partir do início dos anos 1980.

Barossi cursou a FAU entre 1972 e 79, num período em que importantes professores haviam sido afastados pelo regime militar¹, e no qual a crença no papel transformador do projeto estava sob forte suspeita, acusada de

ser inócua diante dos reais problemas políticos e sociais do país. Ao mesmo tempo, já não era mais o momento da aguerrida disputa ideológica entre os defensores do “desenho”, ligados à figura do mestre Vilanova Artigas, e os militantes favoráveis à luta armada, na esteira da posição defendida pelos seus discípulos dissidentes Sérgio Ferro e Rodrigo Lefèvre.² Nos anos 1970, a densidade crítica daquele debate ocorrido no final dos anos 1960 foi se arrefecendo progressivamente em um ambiente cada vez mais rotinizado e desmobilizado. Pode-se imaginar a complicada situação vivida por estudantes como Antonio Carlos Barossi que, naquele momento, amando a potência espacial do próprio edifício da FAU, bem como da obra diminuta, porém intensa, de Carlos Millan, desejavam aprender e realizar arquitetura seguindo aquela mesma tradição – o que, aliás, se vê nitidamente em seus projetos iniciais para agências do Unibanco em Jundiá e em Vinhedo (1980 e 81), como funcionário da Eplanco. Sim, porque se por um lado essa posição era vista por muitos como conformista e alienada, sendo alvo de artilharia pesada, por outro, a arquitetura da chamada Escola Paulista apresentava naquele momento claros sinais de

COLEÇÃO ARQUITETURAS **ANTONIO CARLOS BAROSS**

A coleção "Arquiteturas" é uma série cujo tema central de discussão é a arquitetura recente produzida no Brasil e no mundo através da publicação de projetos e obras organizadas em números monográficos.

As edições abordam linhas de pesquisa que objetivam por um lado levantar, discutir e divulgar trabalhos pouco ou nunca publicados de arquitetos relevantes e, por outro, focar recortes específicos do legado de arquitetos consagrados.

A série é marcada pelo seu caráter pedagógico e cada edição é resultado de um processo de trabalho que envolve, em todas as suas etapas, a participação de alunos e professores da Escola da Cidade.

E é com grande entusiasmo que inauguramos esta coleção com o arquiteto Antonio Carlos Barossi, renomado professor doutor da FAU-USP e da Escola da Cidade, com uma trajetória profissional de 31 anos, e que tem pela primeira vez seus trabalhos publicados em livro.